

Helder Moraes Miranda

**DIGA-ME O QUE POSTAS E TE DIREI QUEM ÉS:
A autoedição pela internet**

**CELACC/ECA – USP
2011**

Helder Moraes Miranda

**DIGA-ME O QUE POSTAS E TE DIREI QUEM ÉS:
A autoedição pela internet**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
ao Centro de Estudos Latino-Americanos
sobre Cultura e Comunicação da
Universidade de São Paulo.

Curso: Pós-graduação em Mídia, Informação
e Cultura.

Orientador: Prof. Valdir Baptista.

**CELACC/ECA – USP
2011**

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus pelas oportunidades e por sempre interceder em meus caminhos nos momentos em que mais preciso, mesmo que às vezes o meu merecimento não esteja à altura do que Ele faz por mim.

À minha esposa, Mary Ellen que, ao meu lado, pacientemente, me incentivou, com ideias criativas e chás de diversos sabores, madrugada afora, para que eu prosseguisse nessa jornada.

Ao querido amigo José Carlos, pelo apoio incondicional.

Por fim, ao meu orientador Prof. Valdir Baptista que, com tanta dedicação, foi além de minhas expectativas, que já eram altas, a todos os outros professores do Celacc por contribuírem para o desenvolvimento deste trabalho, e para o querido amigo Adolfo Conceição Inácio, que trilhou comigo o caminho da pós-graduação e o tornou mais leve.

DIGA-ME O QUE POSTAS E TE DIREI QUEM ÉS:

A autoedição pela internet

Helder Moraes Miranda¹

Resumo

A ideia do que somos e de quem somos vêm atormentando filósofos, estudiosos, sociólogos há muitos séculos, mas a introdução das redes sociais e da internet no cotidiano de milhões de pessoas trouxe mudanças expressivas na maneira como nos enxergamos e como os outros nos enxergam. O estudo pretende traçar um modesto (diante da complexidade do tema) perfil acerca da autoimagem dos usuários e da utilização das redes sociais e blogs, bem como da maneira como essas redes influenciam as pessoas, os pensamentos, as relações sociais e até mesmo a maneira como são contratados profissionais.

Palavras-chave

Internet; redes sociais; Twitter; Facebook; autoedição, imagem, autoimagem

Abstract

The idea of who we are and who we are tormenting philosophers, scholars, sociologists for centuries, but the introduction of social networks and the internet in the daily life of millions of people brought significant changes in how we see ourselves and how others perceive us. The study aims to trace a modest (given the complexity of the topic) about the self-image profile of users and the use of social networks and blogs, as well as how these networks influence people, thoughts, social relationships and even how they are hired professionals.

Keywords

Internet, social networks, Twitter, Facebook, blogs, image, self image

Resumen

La idea de lo que somos y quiénes somos hay atormentando filósofos, académicos, sociólogos desde hace siglos, pero la introducción de las redes sociales e internet en la vida cotidiana de millones de personas trajo cambios significativos en cómo nos vemos y cómo nos perciben los demás. El estudio tiene como objetivo trazar una modesta (dada la complejidad del tema) sobre el perfil de la auto-imagen de los usuarios y el uso de las redes sociales, así como la forma de

¹ Pós-graduando em Mídia, Informação e Cultura (USP). Graduado em Comunicação Social com ênfase em Jornalismo (UniSantos). Repórter e editor do site cultural www.resenhando.com. E-mail: heldermiranda@hotmail.com

estas redes influir sobre las personas, los pensamientos, las relaciones sociales y que incluso seprofesionales contratados.

Palabras clave

Internet, redes sociales, Twitter, Facebook, blogs, imagen, autoimagen

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	06
1.1 Público X privado: quando nos tornamos pessoas públicas?	07
2. Como as redes sociais nos tiraram do anonimato	09
3. A autobiografia nossa de cada dia	11
4. Dai a César o que é de César, e voz ao homem comum	12
5. Autoimagem e autoedição na internet – Narrativas de si	13
6. A vida pelo buraco da fechadura virtual	15
7. Considerações finais	20
BIBLIOGRAFIA	21
ANEXOS	23

1. INTRODUÇÃO

Uma jovem senta ao lado de um homem mais velho em um ponto de ônibus. Ele se aproxima dela e pergunta: “*De onde eu te conheço?*”, enquanto acaricia seus braços. Ela se afasta. Numa mesa de lanchonete, com uma amiga, o garçom, enquanto serve as xícaras de alguma bebida, diz para a mesma moça: “*Sabe, gosto muito mais de você ‘ao*

natural”. A amiga questiona: “*Quem é esse cara?*”. A jovem, com um sorriso no rosto, responde: “*Eu não sei...*”. Na entrada de um prédio, o porteiro a aborda: “*Sonhei contigo esta noite...*”.

Ela atravessa a roleta e passa por dois garotos que, no celular, estão vendo uma fotografia dela que aparece distorcida. Um deles fala: “*Você viu esta foto aqui? Olha bem essa foto... É ela! Ei, esta aqui é você?*”. A moça sai, com a cabeça baixa, e passa por outras pessoas que a observam. Ao passar por fotografias que estão publicadas em um mural, sai correndo do local e surge uma narração masculina: “*Na internet, sua imagem não é apenas sua. É de todos. De todo o mundo...*”. Do alto da cidade, várias fotos da moça voam por todos os cantos. Entra uma tela em branco, com os seguintes dizeres: “*Antes de colocar sua imagem na web, pense*”.

Esse comercial, do *Defensor del Menor en la Comunidad de Madrid*, uma comissão da câmara de vereadores voltada para proteger os direitos dos menores de idade, dá um panorama geral sobre como o que postamos na internet se torna público e interfere em nossa vida particular.

Por meio das redes sociais existe a possibilidade, a partir da maneira como nos colocamos, que as outras pessoas formem uma imagem equivocada sobre quem somos. Desta forma, algum comentário descompromissado, uma frase mal ou bem colocada, e até mesmo a publicação de uma fotografia aleatória, podem interferir na criação de um “eu” idealizado para o outro.

1.1. Público X privado: quando nos tornamos pessoas públicas?

O sociólogo e historiador norte-americano Richard Sennett afirma que, em meados da década de 1750, existia uma fronteira entre o domínio da vida privada e a vida pública. Neste período, as cidades começam a crescer, por meio de migrações internas de pessoas que viviam em determinada região e se dirigiam até a cidade em busca de novas oportunidades.

Com o tempo, a cidade se tornou um lugar de estranhos. É a partir daí que começa a ideia de um domínio privado e um domínio público, em que os homens atribuíam papéis uns aos outros. O contato no espaço público não colocava em jogo a intimidade e a personalidade de ninguém.

A vida privada era compartilhada apenas com amigos íntimos e com a família, o que permitia um limite claro e também um modo de agir específico para cada situação, seja nas ruas, cercado por desconhecidos que interagiam entre si por meio de papéis socialmente construídos, ou entre pessoas próximas. Esse equilíbrio entre vida privada e pública não permaneceu intacto.

As mudanças ocasionadas pelo capitalismo no comércio e a produção em massa a partir da Revolução Industrial foram marcos que transformaram as relações entre consumidores e vendedores. A industrialização permitiu uma maior quantidade de produtos e o aumento da oferta, o que colaborou para o surgimento das lojas de departamentos e da própria vitrine, como um atrativo para as vendas.

No século XIX, o que era antes uma relação de compra e venda se tornou uma interação entre comprador e objeto, mistificando, assim, a vida material. Nessa época, era nítida a divisão entre vida privada, considerada como algo moralmente melhor, e pública, vista como um lugar de desordem e caos.

É a partir deste ponto que começa uma nova forma de aparecimento social, que colabora com uma entrada da personalidade no domínio público. Sennet afirma que essas aparições passaram a fazer com que outras pessoas tivessem ideia sobre a personalidade de determinado indivíduo:

“[...]é assim que surge uma das maiores e mais enriquecedoras contradições do século XIX: mesmo quando as pessoas queriam fugir, fechar-se num domínio privado, moralmente superior, temiam que classificar arbitrariamente sua experiência em, digamos, dimensões públicas e privadas poderia ser uma cegueira auto-infligida”. (SENNET, 1988, p. 37).

De acordo com o autor, existiu um fator que não permitiu que as transformações fossem drásticas: a forma como a vida urbana se expandiu contrabalançou os dois fatores anteriores e conseguiu manter certa ordem na vida dos indivíduos. A cidade era moldada por uma nova geografia entre público e privado de forma lenta e gradual.

A pesquisadora Paula Sibilia afirma que a separação entre os âmbitos público e privado é uma invenção histórica e datada. A esfera de privacidade só ganhou consistência na Europa nos séculos XVII e XIX, quando o espaço de “refúgio” para o

indivíduo e a família começou a ser criado no mundo burguês, almejando um território a salvo das exigências e dos perigos do meio público.

Ao contrariar essa necessidade de proteger espaços privados, as redes sociais surgem e crescem de maneira vertiginosa, é a partir delas que as pessoas perdem o senso do público e do privado. É comum observar a vontade que alguns usuários de redes sociais têm de informar cada momento de suas vidas e também comportamentos de usuários que publicam, pelo *Twitter*, eventos banais, como “*tomando banho*”, “*comendo um tutuzinho de feijão*” e coisas do gênero.

A inclusão dessas redes na vida moderna passa a impor a “*intimidade da vida privada*” como algo compartilhável, ou que induz pessoas a divulgarem e dividirem banalidades em tom de confidência com outras, sejam amigos íntimos, parentes, colegas, conhecidos ou até desconhecidos.

2. Como as redes sociais nos tiraram do anonimato

As redes sociais tiveram início em 1995 com a criação do “*classmates.com*”, que reúne anuários dos tempos de colégio. (GOMES, 2011). O passo seguinte ocorreu em 1997, com um site de relacionamentos chamado *Six Degrees*, que encerrou em 2000, pois, apesar de ter vários usuários, as pessoas não conseguiram se adaptar a essa mídia, por compartilhar informações de uma maneira muito pública. (JUE; MARR; KASSOTAKIS, 2010).

Nos últimos anos, surgiram novas ferramentas de comunicação. Um mundo que desenvolve suas ideias por meio da conexão, colaboração e comunicação. Como cada

vez mais as pessoas fazem parte das mídias sociais, a relação pessoal e profissional está em constante processo de modificação – participar delas já faz parte do cotidiano.

A mídia social é uma ferramenta de comunicação; qualquer um com acesso a internet pode se cadastrar e fazer parte deste meio. Existem vários tipos de mídias sociais voltadas para diversos segmentos como *blogs*, *sites* de relacionamento, *wikis*, entre outros. Com esse novo mundo, a comunicação pode ser feita por meio de vídeos, áudios, imagens e textos. Há uma grande facilidade em obter informações, compartilhar ideias e conhecimentos através deste meio. (JUE; MARR; KASSOTAKIS, 2010).

Richard Dennison definiu mídia social como: Participação. Essa participação pode ser simplesmente a visualização de informações que estavam escondidas de nossas vistas, mas muitas vezes é uma forma de comunicação, colaboração e contato com qualquer pessoa, em qualquer lugar, a qualquer hora. É a integração entre as pessoas – indivíduos e grupos – e o grande potencial em compartilhar mais, aprender mais e conseguir muito mais do que nossos avós jamais puderam imaginar. Ao contrário das mídias tradicionais, que têm números limitados de páginas ou tempo no ar, as mídias sociais são “infinitas” em seu potencial. (JUE; MARR; KASSOTAKIS, 2010, p. 5).

Conforme Castells (2007), a sociedade em rede dá grande importância à comunicação horizontal e livre e também à possibilidade de qualquer pessoa conseguir encontrar um destino na rede. Cardoso (1998) dizia que a sociedade em rede oferece possibilidade de combinar socialização e informação. Também define as comunidades virtuais como um grupo social que divide interesses comuns em interesses profissionais, sociais, ocupacionais e religiosos. (GOMES, 2011).

Entre as redes sociais mais populares da atualidade está o *Twitter*, que acumula 140 milhões de mensagens ao dia (revista *Info* – edição de julho de 2011). O *Facebook* contava, até setembro de 2011, com 800 bilhões de usuários (revista *Veja* – edição de 5 de outubro de 2011). Por esses números é possível aferir a força e o alcance das duas redes mais conhecidas e acessadas.

3. A autobiografia nossa de cada dia

O conceito inicial de autobiografia, de acordo com Philippe Lejeune, seria a de uma *“narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade.”* (p. 14)

A evolução desse conceito partiu do próprio estudioso que, insatisfeito com o patamar de “indiscutível” que a denominação feita por ele alcançou, resolveu aprofundar o conceito para estimular a reflexão sobre o assunto: *“DEFINIÇÃO: narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza especialmente sua história individual, em particular a história de sua personalidade”.* (p. 49)

Com o advento da internet, sobretudo relatos autobiográficos são compartilhados. É comum ver autorretratos de pessoas na rede, tirados com câmeras digitais – *avatars* – das redes sociais. A palavra “eu”, procurada no site de buscas *Google* em 12 de novembro de 2011, traz aproximadamente 2.970.000.000 resultados. É possível afirmar que as pessoas fazem narrativas de si mesmas pelo ambiente cibernético. Para ele:

“A internet fornece um dispositivo que concilia, numa mesma experiência, o recolhimento e o retorno ao outro. [...] O uso sistemático do pseudônimo [...] e a presença do e-mail, que possibilita o diálogo (protegido) com o leitor alma gêmea e confidente. O apelo ao outro, os contadores de visitas... Mas também o fato de que os diaristas se leem entre si. [...] O problema é a intrusão das mídias públicas no espaço semiprivado da Internet, a maneira como se acendem os holofotes na penumbra em que as pessoas se achavam protegidas”. (LEJEUNE, 1998, págs. 343 e 360).

É a partir de postagens em redes sociais como *Twitter*, *Facebook* e outros sites de relacionamento que se constrói uma imagem. A construção realizada a partir de postagens na internet realmente reflete o que é uma pessoa ou apenas aquilo que ela pode apresentar de melhor ou pior?

4. Dai a César o que é de César, e voz ao homem comum

Com a popularização da internet, muitos hesitaram em usar nomes reais e revelar detalhes sobre hábitos pessoais.

Os reflexos dessa mudança comportamental foram notados em dezembro de 2006, quando a revista norte-americana *Time* elegeu, como personalidade do ano, “*as pessoas comuns*”, ou seja, “*as que mais afetaram o noticiário e nossas vidas, para o bem ou para o mal*”.

O argumento para essa eleição, de acordo com os editores da revista – que colocou nesse patamar nomes como Gandhi, em 1930, Hitler, em 1938, John Kennedy, em 1961, George W. Bush, em 2004, Barack Obama, em 2008 e Mark Zuckerberg, criador do Facebook, em 2010 – foi o de que todos estão transformando a “era da informação”.

O aumento de conteúdo produzido pelos usuários de internet justificou a decisão. Postagens em *blogs* ou textos compartilhados em sites de relacionamento, assim como um número cada vez maior de vídeos que internautas passaram a disponibilizar no *Youtube* mudaram a maneira de ver ou sentir o mundo. De meros espectadores, as pessoas comuns, com a internet, ganharam voz.

Existem sites de relacionamento disponíveis para que as pessoas revelem o preço do que compram (*Brooks*), quanto gastam com o cartão de crédito ou outras formas de pagamento (*Blippy*), outro que incentiva pessoas a contarem o local em que estão (*Foursquare*), divulgar viagens (*Dopplr*), a quantidade de reflexões enquanto praticam ioga (*Skimble*) e, até, quem odeiam na atualidade (*Hatebook*).

O uso das redes sociais provocam mudanças surpreendentes. Manifestações coletivas de protesto são comuns, algumas não interferem no cotidiano das pessoas, mas as fazem se sentir mais livres e poderosas. Outras ações geraram protestos de massa em nações de maioria muçulmana. Ao homem comum foi dada a possibilidade de interferir na vida social como nunca antes.

5. Autoimagem e autoedição na internet – Narrativas de si

A exposição de pessoas em busca de popularidade faz com que sejam deixadas de lado as preocupações com a privacidade. Essa é a nova internet, marcada pela postagem indiscriminada de fotografias ou informações pessoais e até mesmo currículos em sites de relacionamento populares como o *LinkedIn*.

Paula Sibilia afirma que na última década, a internet trouxe à tona uma série de práticas que podem ser denominadas de “confessionais”.

“Milhões de usuários de todo o planeta - gente “comum”, precisamente como eu ou você – têm se apropriado das diversas ferramentas disponíveis on-line, que não cessam de surgir e se expandir, e as utilizam para expor publicamente a sua intimidade. Gerou-se, assim, um verdadeiro festival de “vidas privadas”, que se oferecem despidoradamente aos olhares do mundo inteiro. As confissões diárias de você, eu e todos nós estão aí, em palavras e imagens, à disposição de quem quiser bisbilhotá-las; basta apenas um clique do mouse. E, de fato, tanto você como eu e todos nós costumamos dar esse clique”. (SIBILIA, 2008, pág.27).

Desde o início do século XXI, as “personalidades” foram convocadas a se mostrar, em um mundo onde é comum a crescente divulgação do que é privado e o fascínio pela visibilidade e pelo império das celebridades, o que interfere diretamente na tematização do *eu* e na sociabilidade moderna:

“Esse novo clima de época que hoje nos envolve parece impulsionar certas transformações que atingem, inclusive, a própria definição de você e eu. A rede mundial de computadores se tornou um grande laboratório, um terreno propício para experimentar e criar novas subjetividades: em seus meandros nascem formas inovadoras de ser e estar no mundo, que por vezes parecem saudavelmente excêntricas e megalomaníacas, mas outras vezes (ou ao mesmo tempo) se atolam na pequenez mais rasa que se pode imaginar”. (SIBILIA, 2008, pág.27).

As fotografias também têm papel fundamental para a construção da imagem de um usuário de redes sociais. De acordo com Armando Silva, que se dedica há vários anos ao estudo do pensamento visual, as novas possibilidades de captura de imagens desenvolve nas pessoas uma espécie de paixão mórbida pela vida cotidiana, que possibilita desde compartilhar com amigos até fazer denúncias.

Além de decretar a morte do álbum físico de fotografias, essas mudanças nas formas de armazenamento digitais em diferentes e vários formatos, desde memórias de computador, DVD's de dados e redes sociais, configuram a recriação da instituição família que acrescenta os amigos.

“Trata-se de uma nova família ampliada, de natureza civil, que retoma, em muitas formas, o posto da nuclear e consanguínea. O número reduzido de membros das famílias do novo milênio, o aumento de casais com um único filho ou sem nenhum, a legitimação que vão ganhando outras formas de família baseada em afetos, e não em vínculos de sangue nem na heterossexualidade, como as famílias gays e, enfim, as famílias mistas, em que cada membro do casal separado, ao entrar em uma nova união, traz seus próprios herdeiros e forma-se um novo tipo de família não-sanguínea, enquanto isso tudo acontece, essas transformações correm paralelas às novas tendências da tecnologia”. (SILVA, 2008, pag. 185).

Para o teórico, o *Facebook* é a rede que mais se inspirou no álbum de fotografias convencional e segue a lógica na forma de arquivar imagens. Silva ressalta que é interessante observar que as fotos de apresentação, que cada membro escolhe como *avatar* neste site, exibem aspectos calculados para impressionar um grupo de pessoas.

“Ao fazer uma rápida contagem dos motivos cênicos escolhidos por vários membros do Facebook para se apresentarem, pode-se deduzir que tendem a predominar as poses brincalhonas [...]. Trata-se, muitas vezes, de imagens, na expressão pós-moderna, debochadas, divertidas ou sarcásticas, mas tudo isso em um ambiente de simulação, uma vez que se dirigem a amigos a quem, na realidade não se deseja ofender, mas irmanar-se com a criatividade ou diabruras”. (SILVA, 2008, pág.190. Apud Laura Silva, que fez uma pesquisa com grupos de adolescentes entre a 15 e 20 de dezembro de 2007)”. (pág.27).

Os usuários das redes são influenciados por mecanismos de interação social que levam em conta fatores como: a que grupo o indivíduo pertence, que tipo de música ouve, que bandas musicais aprecia. Esses mecanismos estão todos eles ligados à necessidade que as pessoas têm de serem aceitas, de se sentirem fazendo parte de um grupo. Não há como se apresentar, narrando uma individualidade deslocada, uma individualidade que o afaste da possibilidade de aceitação em determinada “tribo”.

Perfis nas redes sociais no *Facebook* e *Orkut* dizem muito a respeito dos gostos pessoais, da história de vida e das relações interpessoais. São formas de narrar a si mesmo para os outros que servem como âncora para o estabelecimento de relações diretas ou estabelecidas de maneira transversal. Não substituem o relacionamento pessoal, mas contribuem para abreviar o “caminho” para fazer novos “amigos”. Esses perfis servem de atalhos quando se objetiva um relacionamento interpessoal mais próximo. Estabelecem possibilidades de autoimagem e autoedição que muitas vezes são decisivas para encontrar um emprego ou um relacionamento.

6. A vida pelo buraco da fechadura virtual

Para Nelson Traquina, a previsibilidade do esquema geral das notícias deve-se à existência dos critérios de noticiabilidade, isto é, à existência de valores notícia que os membros da tribo jornalística partilham.

“Podemos definir o conceito de noticiabilidade de como o conjunto de critérios e operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, possuir valor como notícia. Assim, os critérios de noticiabilidade são o conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento, ou assunto, é susceptível de se tornar notícia, isto é, de ser julgado como merecedor de ser transformado em matéria noticiável e, por isso, possuindo “valor notícia” (‘newsworthiness’)” (TRAQUINA, 2005, pág. 63).

Para este autor, os valores-notícia, elementos básicos da cultura jornalística, são vastos, e recorre ao historiador Mitchell Stephens para condensar as “qualidades duradouras” do que é notícia ao longo dos anos. Embora reconheça que os valores do que é notícia não são imutáveis, ele qualifica o insólito, o extraordinário, o catastrófico, a guerra, a violência, a morte, e até pessoas com fama e notabilidade como assuntos que devem ser pautados.

Como adaptar esses critérios de noticiabilidade para pessoas que se divulgam, por meio de *blogs* e redes sociais, na internet? Será que, dentro desse contexto, esses mesmos critérios poderiam ser utilizados na edição de si pela internet? Para compor esse estudo, foram escolhidos quatro homens, de 27 a 30 anos, que têm em comum o fato de serem aspirantes à atividade de escritor profissional. Todos têm vida ativa na internet, com perfis no *Twitter* e *Facebook*. Portanto, foram avaliadas as postagens de janeiro a novembro de 2011.

Foram selecionados o roteirista Celso Garcia, 27 anos, de Jaboticabal (São Paulo), o professor de língua portuguesa Eder Alex, 27 anos, de Araucária (Paraná), o assessor de Comunicação Leonardo Távora, 27 anos, de Belo Horizonte (Minas Gerais), e o jornalista João Thiago da Cunha Neto, de 30 anos, morador de João Pessoa (Paraíba).

Celso Garcia, em seu blog *Histórias Celsísticas* (www.celsogarcia.wordpress.com) trabalha com textos fictícios. É um contador de histórias, um observador, como ele mesmo afirma, não um personagem. Suas histórias são carregadas de humor e brasilidade. As crônicas que publica em seu blog lembram as de Nelson Rodrigues, investindo em tipos, como o malandro, a mulher que pode cometer um adultério, ou a traída que só se envolve com homens que possa localizar as 24 horas do dia...

Inspirar-se em autores para escrever não seria uma forma de autobiografar-se? Recorrer a estereótipos pode ser uma maneira de lançar mão de preconceitos, protegendo o autor pela vertente da ficção? Embora nunca narrados em primeira pessoa, na boca das personagens desse blogueiro, a palavra “eu” figura 309 nas suas 36 postagens de 11 de janeiro a 30 de novembro de 2011, e a palavra “meu”, 68 vezes. Na única postagem em que escreve em primeira pessoa, "Conversa crônica", para contar como surgiu a ideia de criar o blog a palavra “eu” aparece quatro vezes e “meu” três.

No blog *Devaneios do Cotidiano* (www.devaneiosdocotidiano.zip.net), de Eder Alex, foram 53 postagens, de 4 de janeiro a 28 de novembro de 2011, nas quais 59 vezes aparecem a palavra “eu” e 19 vezes a palavra “meu”. Geralmente voltado a críticas de livros, como se estivesse conversando com o leitor, o blogueiro confessa do “preconceito com comédias românticas” à predileção por *heavy-metal*. Por meio de resenhas, alguns textos literários e relatos, como a ida ao *Rock in Rio 2011*, ele revela momentos de intimidade:

“Para completar nossa desventura, quando acordamos, um pessoal da Globo estava filmando a galera dormindo no chão. Provavelmente viramos estrelas bizarras de algum jornal da hora do almoço” < http://devaneiosdocotidiano.zip.net/arch2011-09-25_2011-10-01.html#2011_09-27_13_42_48-100165147-0>.

Mudando totalmente de assunto, em outra postagem, ele opina sobre o filme *“O Homem do Futuro”*, dirigido por Cláudio Torres, e esboça uma opinião elitista: *“[...] tem o mérito de fugir um pouco do padrão popular dos filmes nacionais nos últimos anos, a saber: filme-de-favela e comédia-de-mau-gosto-semi-pornográfica”*. http://devaneiosdocotidiano.zip.net/arch2011-09-04_2011-09-10.html#2011_09-09_16_27_08-100165147-0>

Devaneios do Cotidiano alterna observações sobre o dia a dia, com algum traço de intolerância com as diferenças entre homens e mulheres, como a que descreve a vendedora de cosméticos que faz com ele o mesmo trajeto de ônibus:

“[...] todos nós sabemos que quando uma mulher pinta o cabelo de cor diferente é porque quer mudar algo dentro de si, mas como não consegue, parte para as esquizofrenias estéticas, utilizando a exterioridade para camuflar suas tristezas e inseguranças (os homens fazem o mesmo, mas com cerveja)”.<http://devaneiosdocotidiano.zip.net/arch2011-06-26_2011-07-02.html#2011_07-01_13_05_55-100165147-0>

Definido como “um espaço para o livre sentimento”, o blog *Literatura Exposta* (www.literaturaexposta.blogspot.com), atualizado por Leonardo Távora e outros dois autores, ao longo de 133 postagens, nas quais 83 dele, de 3 de janeiro a 28 de novembro, constam 349 palavras “eu” e 136 palavras “meu”. Publicado desde junho de 2009, Leonardo se dispõe a roteirizar cenas de livros publicados por editoras.

Neste blog, que tem como pano de fundo livros antigos de capa dura, há links para as redes sociais dele e outros endereços virtuais que conduzem a outros blogueiros. Há, nessa espécie de rede informal, uma intensa solidariedade entre esses internautas, que acompanham e comentam entre si as novas postagens. Está, explícito, o tom de camaradagem e incentivo, e implícita a regra velada: *“passei por aqui, espero que você retribua”*.

Mais contido em suas postagens, deixando pouco a revelar a respeito de sua personalidade, ele parece querer passar a imagem do politicamente correto. Sobre o

amor, confessa uma visão realista, contraditória a tanto romantismo ao longo de poemas afetivos publicados no blog: *“Dizemos muito que amamos, quando o que existe, na realidade, é um carinho, algo terno, um gostar tranquilo. Dizemos do amor num simples gostar. Erro crasso do ser humano moderno”* <<http://www.literaturaexposta.blogspot.com/2011/11/sobre-o-valor-do-amar.html>>.

Entre as postagens, ele parece ter consciência de que a internet nunca mais devolverá ao homem o direito de se resguardar: *“Na verdade, só nos damos conta de como é importante ser livre quando nos vemos cerceados desta virtude”* <<http://www.literaturaexposta.blogspot.com/2011/07/libertas.html>>.

Em *A Revolução do Amor* (www.arevolucaoamor.blogspot.com), João Thiago da Cunha Neto é, nitidamente, o que mais se expõe, dentro do universo desses quatro personagens. Ao longo de suas 107 postagens no blog, a palavra “eu” aparece, de 1º de janeiro a 30 de novembro, 265 vezes, seguida pelo pronome possessivo “meu”, que surge 36 vezes no discurso dele. Além de resenhas, em que se coloca muito, ele escreve uma espécie de diário em formato de crônicas muito pessoais. E se coloca até mesmo quando o assunto é sexo casual:

“Quem não gosta, afinal? Casual? Já tentei. Não, obrigado. Gosto de compromisso. Por mais que brinque de flertar com metade das minhas amigas não as levaria para a cama, simplesmente. Sou um homem que busca amar. Já me machuquei bastante e já machuquei outro tanto por causa de escolhas mal feitas” <<http://www.arevolucaoamor.blogspot.com/2011/08/me-chamou-atencao-o-blog-de-uma-moca.html>>.

João Thiago, em tom de proximidade com o leitor, revela tudo, ou quase tudo. Até quando a saúde vai mal. *“Estou doente. Garganta inflamada, temperatura alta. De todos os problemas de saúde que eu imaginava enfrentar em João Pessoa uma garganta inflamada era o mais improvável”* <<http://www.arevolucaoamor.blogspot.com/2011/08/compartilhar-vida.html>>. Às vezes, a impressão que passa, é que o computador é sua única companhia: *“Distante da família, ando melancólico (fico escrevendo estas coisas aqui e daqui há pouco (sic) estão meus pais ligando desesperados achando que eu quero me matar)”* <<http://www.arevolucaoamor.blogspot.com/2011/08/da-amizade-e-da-solteirice.html>>.

Muitas vezes, parece que o próprio interior é fonte inesgotável de inspiração, como aponta na mesma postagem:

“Sou uma pessoa difícil de lidar. Sempre soube. Tímido, retraído, defensivo, agressivo, impetuoso, intempestivo, inseguro, melancólico, não acho que seja uma companhia maravilhosa, mas também não sou de todo mal. A solidão só me faz piorar e me fechar ainda mais”.

No buraco da fechadura virtual, através da tela do computador, esses homens mostram o melhor e o pior do que afirmam pensar a leitores curiosos, em uma frequência regular, que varia de uma a duas semanas a cada postagem. Nesses *blogs*, todos, de alguma maneira, são tão confessionais quanto um diário íntimo.

Não há espaço para o bom-moço romântico que apresenta uma visão realista do amor sem contradizê-lo. Ou do crítico que se autobiografa por completo ao fazer resenhas, mas parece mais uma testemunha ocular de um mundo em que não se permite viver para prestar a atenção em detalhes apenas para descrevê-los depois, na internet.

O ciberespaço também é lugar para homens que, do alto de seus egocentrismos, expõem todas as fragilidades, talvez em busca de um olhar mais atento que seja a tábua de salvação contra o anonimato. Tornando o autêntico não tão autêntico assim, já que buscam, cada um à sua maneira, certa repercussão. Embora exista o tom confessional, eles têm a consciência de que podem ser lidos por qualquer pessoa. Apagar o passado, começar do zero, para esses homens é tão impossível quanto para qualquer outro internauta. As evidências estão no ciberespaço – basta procurá-las.

7. Considerações finais

Aquilo que postamos nas redes sociais da internet reúne uma série de características que evidenciam as nossas motivações e mostram com clareza a vontade de pertencer a um grupo, o desejo de aceitação, a necessidade que todos temos de exibir uma singularidade que, na verdade, não representa algo novo ou algo ímpar, mas simplesmente o desejo mais profundo de que nos admirem, de que nos considerem como pertencendo a uma comunidade.

Postar fotos, músicas, vídeos, poesias, apresentações em *power point* evidenciam uma nova maneira de divulgação ou *marketing* pessoal. Os diários decididamente saíram das gavetas para se transformarem em um enorme mural, como se fossem pregadas as folhas desses diários em locais visíveis, em que todos pudessem ter acesso.

As pessoas manifestam sentimentos, desejos e emitem opiniões, especialmente em blogs, sem se importar com a privacidade. Alguns o fazem de maneira exagerada e compulsiva, outros o adotam como uma espécie de válvula de escape ao cotidiano. Uns se mostram excessivamente, outros tentam passar imagens do que decididamente não são. Alguns se revelam totalmente, outros tentam ocultar o que têm de mais belo e suprimir o que têm de mais feio.

A partir das redes sociais é possível tecer ou reacender relações de amizade, restabelecer contato com parentes distantes e conhecê-los melhor. Não há fronteiras para as novas relações que se estabelecem na internet. São novas formas de comunicação e de linguagem que certamente representam profundas mudanças no comportamento social.

Não é preciso refletir por muito tempo para que logo sejam encontradas utilizações muito além do âmbito individual relativamente às redes sociais e sua abrangência. Podem surgir muitas outras manifestações como a que se desenvolveram nos países árabes no episódio denominado primavera árabe quando cidadãos da Líbia, do Egito, da Tunísia, por meio do uso das redes sociais e blogs, puderam provocar a derrocada de ditadores (no caso de Moahmar Kadaffi, até a morte).

As redes sociais são também um terreno fértil para a identificação de personagens e personalidades e podem ser utilizadas até para investigações policiais. Trata-se de um fenômeno sócio-cultural de vastas proporções e que representa verdadeira revolução política, social, cultural e comportamental.

BIBLIOGRAFIA

CAPUTO, Victor; **MONTEIRO** Aline; **POLONI**, Gustavo. *O Lado Perigoso das Redes Sociais*, São Paulo, págs. 69 a 75, julho, 2011.

GOMES, Ana Filipa Pinho. *Recrutamento nas redes sociais on-line*. 2011. Dissertação (Mestrado em Gestão de Recursos Humanos). Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa.

GROSSMAN, Lev. “*Time’s person of the year: you*”. In: *Time*, JUE, Arthur L.; **MARR**, Jackie Alcalde; **KASSOTAKIS**, Mary Ellen. *As mídias sociais nas empresas: colaboração, inovação, competitividade e resultados*. São Paulo: Évora, 2010.

LEJEUNE, Philippe, *O Pacto Autobiográfico - de Rousseau à Internet*. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha. Minas Gerais: UFMG, 2008.

MENDONÇA, Elke. *Enrolado na Web. Melhor Gestão de Pessoas*. São Paulo, ed. 265, p.46-48, dez. 2009.

MORGATO, Cristina. *À Primeira Vista. Melhor Gestão de Pessoas*. São Paulo, ed. 287, p. 88-90, ago. 2011.

PAVÃO JR., Jadyr; **SBARAI**, Rafael. *O que Quer o Senhor das Redes*, São Paulo, págs. 90 a 97, outubro, 2011.

SENNETT, Richard. *O Declínio do Homem Público: as tiranias da intimidade*. Tradução: Lygia Araújo Watanabe — São Paulo; Companhia das Letras, 1988.

SIBILIA, Paula. *O Show do Eu: A Intimidade como Espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SIBILIA, Paula. (2003). *A Intimidade Escancarada na Rede: Blogs e Webcams Subvertem a Oposição Público/Privado*. Minas Gerais: 2 a 6 de setembro de 2003; INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

SILVA, Armando, *Álbum de Família – A Imagem de Nós Mesmos*. Trad. Sandra Martha Dolinsky. São Paulo: Senac São Paulo- Edições Sesc São Paulo, 2008.

TEIXEIRA, Rafael Farias. *Redes sociais influenciam 44% das empresas brasileiras a desclassificar candidatos em processos seletivos, afirma pesquisa*. Disponível em: <<http://revistapegn.globo.com/Revista/Common/0,,EMI236070-17180,00-REDES+SOCIAIS+INFLUENCIAM+DAS+EMPRESAS+BRASILEIRAS+A+DESCLASSIFICAR+CANDIDA.html>>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

TRAQUINA, Nelson, *Teorias do Jornalismo – Volume II: A Tribo Jornalística – Uma Comunidade Interpretativa Transnacional*. Florianópolis: Insular, 2005.

Fontes obtidas na internet:

<http://www.youtube.com/watch?v=ifJ63SIItLzs> <acesso em 30.11.2011>

<http://www.life.com/gallery/52661/times-person-of-the-year-all-84#index/0> <acesso em 16.11.2011>.

<http://www.celsogarcia.wordpress.com> <acesso em 30.11.2011>

<http://www.devaneiosdocotidiano.zip.net> <acesso em 30.11.2011>

<http://www.literaturaexposta.blogspot.com> <acesso em 30.11.2011>

<http://www.arevolucaoamor.blogspot.com> <acesso em 30.11.2011>

ANEXOS

Entrevistas por e-mail com os blogueiros estudados (pela ordem de aparição no artigo)

Celso Garcia (do blog www.celsogarcia.wordpress.com)

Por que começou a escrever seu blog?

Sou roteirista de TV por formação, já havia escrito pilotos e episódios para séries de TV (sem contar numa infinidade de projetos que estão na gaveta). Um amigo estava criando um *blog* para sua empresa de camisetas personalizadas e tinha como objetivo reunir pessoas de diferentes áreas para alimentarem o *blog* com conteúdo. Convidou quadrinistas, humoristas, engenheiros, etc., que deveriam sempre abordar assuntos com um viés de bom humor. Ele me convidou a escrever pequenos textos semanalmente, eu aceitei. Porém, conforme a empresa dele começou a crescer, ele passou a dispor de cada vez menos tempo para o *blog* – até praticamente abandoná-lo. O problema é que eu havia tomado gosto pela coisa de escrever para a internet, pessoas me pediam por mais textos e eu estava sem um canal de divulgação. Foi daí que veio a ideia de criar meu próprio *blog*. No começo, postei todos os textos antigos do *blog* do meu amigo (<http://blog.simbiosi.com.br/>) e numa segunda etapa comecei a postar novos textos.

Você se autobiografa em seus textos?

Não. Aliás, eu procuro não o fazer. Acredito que meu *blog* é sobre contar histórias, não experiências próprias. Não me vejo como um bom personagem, mas um observador. Obviamente procuro no mundo ao meu redor por histórias e personagens interessantes, e que todo escritor só escreve sobre o que conhece (no fundo sempre há algo de si), mas busco criar histórias que se passam com tipos imaginados ou tipificados, na grande maioria das vezes.

Em algum momento você se expôs demais pelo conteúdo do que posta?

Sou uma pessoa resguardada na vida real e tento sê-lo na vida online. Dessa forma, procuro não me expor. Como escrevo ficção em meus textos, tento sempre explorar um tema do cotidiano e criar uma história sobre aquilo. Sem dúvida acabo imprimindo nos textos parte da minha opinião, mas procuro ser comedido. Poucas vezes (acho que apenas uma) transformei uma experiência minha em estória.

Qual o meio em que os internautas se expõem mais: *Twitter*, *Facebook* ou *blog*?

Varia muito de usuário para usuário. Das pessoas que acompanho na vida *online*, percebo que no geral elas usam o *Twitter* para postar opiniões e preferências (nesse sentido, elas expõem muito seus pensamentos). Já no *Facebook* vejo que as pessoas expõem mais seu rosto, seus círculos sociais, mas resguardam suas opiniões mais profundas, controversas. Talvez por ali estarem mais "*com a cara exposta*". A *timeline* do meu *Twitter* é polêmica, cheia de coisas politicamente incorretas, mas as pessoas protegem suas identidades. No *Facebook* elas expõem suas identidades, mas resguardam mais suas opiniões mais contundentes. Pelo menos é o que vejo nas minhas redes sociais. Já os *blogs* são territórios livres, cada um faz uso diferente. Conheço *blog* que gente que quer expor apenas seu trabalho, gente que expõe a sua opinião, outros fazem do *blog* um "*reality show*" de suas intimidades, há quem poste apenas para causar polêmica e por aí vai.

Essa máxima é correta: "*Diga-me o que postas e te direi quem és*"?

Em boa parte sim. Eu diria (...) e direi quem queres parecer que és. Vejo a internet mais como uma máscara que se usa, um papel que se assume e toma-se para si. Eu me vejo escritor, então no meu *blog* eu ajo como tal. Mas na vida real eu tenho outros afazeres, meu ganha pão não é escrever. É o que eu quero ser, mas não quem eu sou. A internet, ao mesmo tempo que permite a você se expor, lhe oferece uma barreira, uma trincheira para a realidade. Não é você quem está no mundo *online*, é o papel que você assume. Eu, homem solteiro, poderia criar um *blog* e passar a agir como uma garota casada que trai o marido e escreve sobre os supostos *affairs* em um *blog* pessoal. A internet me possibilita isso, ela é um escudo para a realidade, ao mesmo tempo que um trampolim para a exposição. Sua vida virtual é um avatar de si próprio: seu avatar te representa, é a sua cara virtual, mas não necessariamente você se parece com seu avatar.

Acredita que as pessoas podem criar uma imagem distorcida sobre você a partir do que leem em seu *blog*?

Por meio do que é publicado as pessoas vão formando uma impressão sobre os autores dos *blogs*. Creio que da mesma forma que aconteça com livros ou diários, o autor imprime no *blog* parte da sua personalidade ou do seu alterego. Mesmo sem querer as pessoas acabam por criar um juízo de valor sobre aquilo que extrapola o conteúdo do que está escrito. E aí vem a parte importante, pois o blogueiro (como um escritor, um músico, um pintor) produz um conteúdo, mas a partir do momento que lança isso para o público, deixa de ter controle sobre ele. As pessoas que visualizarem aquele conteúdo farão daquilo a interpretação que bem entenderem. Recentemente vi um webcartunista que publicou em seu *blog* uma tira com cachorros organizando uma marcha contra a castração. A ideia dele foi essa, só este texto. Mas boa parte dos leitores viu naquilo uma apologia a não castração de cães – alguns foram a favor dessa marcha e outros contra, houve uma discussão nos comentários e o cartunista teve que intervir, lembrando a todos de que aquilo era apenas uma piada, sem conotações reacionárias. Digo isso pra reforçar a ideia de que, uma vez publicado, o autor perde o controle sobre seu próprio material. Passa a contar com a recepção por parte dos demais. E nessa interpretação que as pessoas farão, pode haver distorções de interpretação. Vejo muitas pessoas que não percebem ou não sabem fazer a distinção entre um texto que seja a opinião do autor/pintor/cartunista/músico/blogueiro e a produção artística. No meu caso, por exemplo, publico textos fictícios. Nem todos eles são minha opinião. Na maioria das vezes, a ideia do texto não é algo que eu concorde, mas algo que observo. Se alguém ler apenas como ficção ou uma estória, isso não resvala na imagem que essa pessoa faz de mim. Mas se ela ler isso pelo viés de eu estar disseminando ali uma ideia ou opinião minha, esta pessoa irá transferir pra mim um julgamento que pode ou não ser condizente com a realidade.

Eder Alex (do *blog* www.devaneiosdocotidiano.zip.net)

Por que começou a escrever seu *blog*?

Criei um *blog* porque queria ser lido por outras pessoas que não apenas amigos ou professores. Sempre tive dificuldade em mostrar meus textos para alguém e conversar a respeito deles. Até hoje sou assim, sempre que alguém me vem falar pessoalmente sobre algum conto ou crônica que escrevi, eu fico feliz, envaidecido, mas me apresso em mudar de assunto, pois sinto uma timidez horrorosa quando os assuntos são meus textos. Embora o *blog* permita a interação com o leitor, há esse distanciamento frio da internet, em que estamos conectados e ao mesmo tempo estamos absurdamente distantes uns dos outros. Essa distância física me interessa. O leitor não tem obrigação nenhuma de me ler e muito menos de gostar do que escrevo, desta forma evitamos a condescendência dos que nos são próximos. Vejo nisso um desafio interessante. No começo, escrevia preocupadíssimo com as respostas dos leitores, escrevia para agradá-los, para que o *post* tivesse vários comentários, pois na internet esse tipo de coisa (o volume de acessos, comentários, etc.) é tido como um “valor” fundamental. O problema é que esse suposto “sucesso” (que eu nunca alcancei, diga-se, pois meus *posts* sempre tiveram um número ínfimo de comentários e o *blog* tem poucas visitas semanais) não necessariamente expressa um valor. Na literatura, por exemplo, aqueles que vendem mais nem sempre (quase nunca) são bons escritores, pelo menos não no sentido de qualidade literária. Hoje em dia preocupo-me muito mais com o conteúdo do que publico, o que é bom por um lado, pois evito expor as pessoas a um texto que é uma droga (ok, às vezes falho nesse quesito), e por outro é ruim, pois arrisco-me menos e também produzo muito menos do que há três ou quatro anos. Acho que criei o *blog* para que ele seja um rascunho do livro que talvez um dia eu escreva.

Você se autobiografa em seus textos?

Acho que todo texto é autobiográfico, uns mais, outros menos. Mesmo que eu escreva ficção justamente porque a vida real não me basta, porque a existência empírica sempre parecerá insuficiente, recorrerei às coisas que vivi e conheci para compor qualquer texto que eu escreva. É que, como sei lá quem já disse, quando falo sobre o outro, na verdade estou falando sobre mim. E o que quero é captar esses instantes da vida, feito um fotógrafo, para que eles não desapareçam no abismo que é a memória. No fundo escrever é a maneira que inventamos para fingir que vamos durar para sempre,

“Vaidade das vaidades, tudo é vaidade”. *“Durar para sempre”*, algo irônico em se tratando da efemeridade desses tempos tecnológicos, concorda?

Em algum momento você se expôs demais pelo conteúdo do que posta?

Certa vez escrevi um conto péssimo sobre estupro, narrado em primeira pessoa. Teve gente que comentou *“Meu Deus, que absurdo, como você tem coragem de fazer algo tão terrível e ainda contar tudo na internet?”*. Nunca tive problema quanto a isso. É um questão de bom senso, não acho que tenhamos que escancarar nossas vidas em busca de maior visibilidade, pelo menos não a ponto de criar constrangimento. Tem gente que faz isso e se dá bem, a Bruna Surfistinha que o diga. Mas acho que aquilo que não é dito, aquilo que fica nas entrelinhas, numa segunda camada de leitura, menos óbvia, é muito mais interessante. Uma mulher de vestido, por exemplo.

Qual o meio em que os internautas se expõem mais: *Twitter*, *Facebook* ou *blog*?

Acho que as pessoas se expõem em qualquer rede social porque se sentem sozinhas. É mais ou menos como a criança que não recebe atenção dos pais e quando está andando de bicicleta diz *“Olha pai, olha mãe, estou andando sem as mãos!”*. Acho que a exposição no *Facebook* é maior por causa das fotos do tipo *“Daê galere, olha só bebi até vomitar no fds”*. No *Twitter* a exposição, a meu ver, se dá mais com relação à postura e a opiniões questionáveis, como no caso lamentável das agressões aos nordestinos. No *blog*, embora haja mais espaço, creio que há menos exposição, pois ele diminui o seu poder de alcance com o passar do tempo. Hoje em dias as pessoas têm preguiça de ler um texto com mais de dois parágrafos.

Essa máxima é correta: *“Diga-me o que postas e te direi quem és”*?

Creio que sim, pois a linguagem não engana, ela é nosso RG. Mesmo que eu tente fingir o que não sou (como sempre fazemos), muito de mim estará no texto, tanto na forma, quanto no conteúdo, na escolha dos temas e das palavras. Pois como disse, todo texto é autobiográfico, e às vezes, neste jogo de vaidades e aparências isso fica tão óbvio que se torna até patético, como no caso dos pedantes. Acho hilário quando alguns internautas escrevem coisas do tipo *“Nossa que tédio aqui no clube, estou em dúvida se releio Kafka ou Rousseau”*. Se não conseguimos saber com exatidão quem é essa pessoa (o que me parece impossível, uma vez que somos muito mais ou muito menos do que

aquilo que tentamos representar), com base nos textos postados por ela nas redes sociais, podemos ter pelo menos uma boa ideia de quem se trata.

Acredita que as pessoas podem criar uma imagem distorcida sobre você a partir do que leem em seu *blog*?

Sim. E acho que isso acontece por dois motivos. Primeiro porque as pessoas têm dificuldade de ler e entender um texto simples (sou professor de português e percebo isso todos os dias). Interpretações equivocadas tanto do texto quanto da postura do escritor é uma coisa bastante comum, pois em geral o leitor médio tem uma enorme dificuldade para entender ironia ou opiniões diferentes das suas. Segundo porque a ficção é uma mentira e um texto está aberto a interpretações (deve haver um limite para essas interpretações, mas não saberia dizer qual é). Embora tenha muito de mim ali, não passo de um fingidor. Neste caso é até bom que as pessoas criem imagens distorcidas, pois significa que a mentira funcionou bem. Há muitos anos eu lia muita ficção violenta, Rubem Alves, Dalton Trevisan, etc., e, obviamente, tentava imitá-los escrevendo contos absurdamente cruéis. Naquela época, muitas pessoas questionaram (lógico que em tom de brincadeira) se eu tinha alguma problema psicológico ou tinha sofrido algum tipo de abuso na infância, pois aquelas histórias não poderiam vir de uma mente sã. E toda aquela carnificina não poderia ser mais diferente do que sou como pessoa, pois sempre fui do tipo “bundão” que tem medo de violência. Às vezes a distância entre autor e leitor faz com que as pessoas criem uma imagem que não existe. Quando acontece de se encontrarem, não é incomum que ocorra uma decepção. É corriqueiro, por exemplo, as pessoas endeusarem um sujeito, acharem que ele é absurdamente inteligente e no fundo ele não passar de uma fraude. No fundo, somos todos uma fraude, bem como disse o David Foster Wallace.

Leonardo Távora (do *blog* www.literaturaexposta.blogspot.com) – Via MSN

Por que começou a escrever seu *blog*?

Eu já escrevia alguma coisa, mas mantinha tudo comigo. Então meu grande amigo, Claudio Rizzih, leu alguns dos meus textos, e disse que eu precisava criar algo... um

blog, uma página... alguma coisa pra mostrar isso pras pessoas. Eu sempre fui muito tímido. Relutei no início, mas acabei cedendo e criando, mas sem muita noção de onde iria dar isso. Hoje inclusive o Claudio escreve no *blog*. Nada mais justo que quem deu a ideia também fazer parte dela. Eu tenho muito isso comigo. Gosto de dar os devidos créditos a quem os merece. E nesse ponto, o Claudio foi algo determinante.

Em algum momento você se expôs demais pelo conteúdo do que posta?

No início do *blog*, eu falava mais de mim. Até porque eu precisava externar sentimentos quando o criei. Mas depois a visão vai se ampliando e o mundo que me cerca vai produzindo inspiração. Não vejo dessa forma. Não tem um texto que me exponha demais. Se você me perguntasse qual mais fala do meu sentimento com as pessoas, eu te responderia que é o "*A estrela da minha vida*". Esse tem muito do que eu sinto. Tanto que essa expressão é a dedicatória do meu primeiro livro. Está simplesmente "*Para a estrela da minha vida*", em uma página toda em branco.

Pelo *Twitter* e *Facebook* é a mesma coisa?

Não, não. São veículos diferentes. Não sou escritor nas redes sociais, eu as uso para difundir meus textos, mas não é nelas que eles surgem ou não são elas que refletem meu lado escritor.

Em nenhum momento?

Como escritor, não. Nas redes eu sou o Léo político, o Léo amigo... Não o Léo escritor.

Qual o meio em que os internautas se expõem mais: *Twitter*, *Facebook* ou *blog*?

Depende do uso que cada pessoa faz. Já vi muita gente se expor (desnecessariamente) no *Twitter*, que é muito efêmero, mas cria ondas, e isso é algo que fica, mesmo que por um curto tempo. Engraçado que não vejo pessoas do meu *Facebook* tão propensas à exposição assim. E, no *blog*, as pessoas que gostam de escrever expõem sua alma. E esse é um que fica. Os textos estão sempre lá.

Essa máxima é correta: "*Diga-me o que postas e te direi quem és*"?

Você fala de *blog*, *Twitter* ou *Facebook*?

De todas essas redes sociais.

Em alguma medida, sim. mas tem muita gente que mente. Então, o certo é mesmo "*em alguma medida*".

Acredita que as pessoas podem criar uma imagem distorcida a partir do que leem em seu *blog*?

Sim. Na verdade, sempre se cria quando se acredita que só o que a pessoa escreve a resume. O ser humano é muito mais amplo que parece. E não conta tudo nas redes sociais.

João Thiago da Cunha Neto (do *blog* www.arevolucaodoamor.blogspot.com)

Por que começou a escrever seu *blog*?

O primeiro objetivo que eu tinha com os *blogs* era que me disciplinassem a escrever um volume de texto por dia. Consegui, em vários períodos de intensa proficiência, escrever em volume e com qualidade, tendo, porém, muitos períodos de silêncio criativo (estou passando por um deles neste momento). Depois de um tempo, mais que uma desculpa para escrever muito, o *blog* tornou-se uma aventura de criação sobre temas que me são importantes, o que era necessário.

Você se autobiografa em seus textos?

Muito. Na verdade, para escrever da forma como escrevo no *A Revolução do Amor*, só funciona se for autobiográfico. No caso da *Revolução dos Mortos* (outro *blog* do autor, em que ele publicou seu primeiro romance) é um pouco diferente, mas não muito. Há

muito de mim em cada personagem. Quando escrevemos, estamos colocando para fora o nosso âmago, nosso eu mais profundo. Pelo menos é assim comigo...

Acredita que em algum momento se expôs demais pelo conteúdo do que posta?

Sim, mas não achei isso ruim. Parte do objetivo é justamente este: se expor.

Qual o meio em que os internautas se expõem mais: *Twitter*, *Facebook* ou *blog*?

Depende de que tipo de exposição estamos falando. Conheço amigos que não fazem nada sem “tuitar”, que precisam de um celular do lado para qualquer coisa. Outra afastou-se do marido por causa da fazendinha do *Facebook*, mas acho que, de todos, o espaço mais maduro para exposição do eu é o *blog*, onde podemos discorrer sobre a vida de forma geral.

Essa máxima é correta: "*Diga-me o que postas e te direi quem és*"?

Nem sempre o que posto representa quem sou. Às vezes eu posto frases apenas pela iconoclastia, nem sempre pela ideia pertinente.

Acredita que as pessoas podem criar uma imagem distorcida a partir do que leem em seu *blog*?

Minha atual namorada me conheceu por meio de uma amiga em comum. Esta amiga era minha leitora no blog e apresentou o "A Revolução do Amor" para Larissa. Na primeira leitura que ela fez do blog, comentou com a amiga sobre o quanto me achou arrogante e pretensioso por conta das minhas opiniões expressas. Depois de me conhecer, disse ter uma visão completamente diferente da pessoa que escreve. Ela consegue, hoje, dissociar a imagem do escritor da imagem da pessoa que eu sou. (Não que eu não seja arrogante e pretensioso, claro!)